

História Ambiental dos Fumicultores em Botuverá - SC

Environmental History and Tobacco Production in Botuverá - SC

SANTOS, Gilberto Friedenreich. FURB - Universidade Regional de Blumenau, frieden@furb.br; MOSER, Ana Cláudia. GPHAVI-FURB, aninhaa_cm@yahoo.com.br; GARROTE, Martin Stabel. GPHAVI-FURB, Martin_stabelgarrote@yahoo.com.br.

Resumo

A pesquisa propõe através da história oral dos fumicultores em Botuverá (SC-Brasil) compreender a interação sociedade e natureza, desde a introdução do cultivo em escala comercial motivada pelas indústrias de tabaco na década de 1940 até os dias atuais, pela perspectiva da História Ambiental. A metodologia tem base na revisão bibliográfica e documental e na história oral dos moradores mais antigos da região. A fumicultura representou um grande avanço econômico, social e tecnológico para as unidades de produção locais, baseadas na agricultura familiar, mas simultaneamente provocou a redução da cobertura vegetal nativa pela expansão de terras para plantio e fornecimento de lenha para as estufas. A atividade também está relacionada ao uso de agrotóxicos e contaminação do solo e da água. O cultivo do fumo apresenta três fases: 1) décadas de 1860-1940 para uso pessoal; 2) décadas de 1940-1980 expansão do cultivo e caráter comercial da produção; e 3) a partir da década de 1990 ocorre o declínio do cultivo. A fumicultura condicionou a forma como a comunidade interagiu com a natureza, tanto na extração direta de elementos da natureza quanto na agricultura.

Palavras-chave: Sociedade e Natureza, história oral, transformações ambientais.

Abstract

Based on the environmental history, this research is about tobacco production in Botuverá (SC, Brazil), and it intends to understand the relation between nature and society at the agriculture development since its introduction in 1940 decade (commercial production) until today. The methodology is: bibliography and documental revision, and oral history from the oldest people. The tobacco is very important to economy and society from the region. It's developed in familiar production units. Same time it's associated with environmental degradation: agrototoxics uses and water and soil contamination, and deforestation (expansion of the land plantation and wood to stoves). There are three stages in the tobacco production: 1) 1860-1940 decades for individual use; 2) 1940-1980 decade's expansion of the land plantation and commercial production; and 3) since 1990 decade began the decadence of the tobacco production. The fume production was very important because defined the relation of the community with the nature, in the exploration of the biodiversity and agriculture practice.

Keywords: Nature and Society, oral history, environmental transformations.

Introdução

A História Ambiental dos fumicultores em Botuverá (SC), Médio Vale do Itajaí Mirim, objetiva descrever aspectos da interação entre homem e natureza no cultivo de fumo a partir da perspectiva dos agricultores desde a sua inserção na década de quarenta em escala comercial, passando pelo auge de sua produtividade durante as décadas de setenta e oitenta, até os dias atuais. A região possui características semelhantes à de outras áreas do Vale do Itajaí onde predomina a Mata Atlântica Ombrófila Densa Sub-Montana que ocupa as encostas em altitudes de 30 a 400m. Entre as características desse tipo de floresta podemos destacar as árvores com mais de 30m de altura, nas quais o verde intenso predomina e as condições climáticas de

Resumos do VI CBA e II CLAA

temperaturas amenas e alta pluviosidade. Além da grande variedade de espécies, entre elas, arbustos, pteridófitos terrícolas e epífitos, que fazem com que existam florestas diferentes entre si na bacia do Itajaí (SCHÄFFER; PROCHNOW, 2002). A fumicultura representou um grande avanço econômico, social e tecnológico para as unidades de produção locais, baseadas na agricultura familiar, acompanhado de modificações na paisagem pela necessidade de uso dos recursos naturais e da tecnologia empregada. Dessa forma, através do desenvolvimento da fumicultura é possível compreender as formas de interação entre sociedade e natureza desde a introdução do cultivo. As formas de interação sociedade e natureza são objeto de estudo da História Ambiental que visa colocar a natureza como agente no processo histórico interagindo com os seres humanos, condicionando e transformando a cultura, ou seja, trata do papel da natureza nas sociedades (WORSTER, 1991).

A História Ambiental quer conferir às “forças da natureza” o estatuto de agente condicionador e modificador da cultura, e atribuir aos componentes naturais “objetivos” a capacidade de influir significativamente nos rumos da história (MARTINS, 2007). Conhecer as formas de interação homem e natureza, através dos relatos dos agricultores familiares, contribui para que ações políticas, coletivas e individuais sejam repensadas considerando a natureza como elemento ativo no processo histórico visando uma interação equilibrada entre a satisfação das necessidades humanas e a preservação do ecossistema local.

Metodologia

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa consistem em duas etapas: 1) levantamento bibliográfico tendo como ponto central a forma como a natureza condicionou e foi condicionada através da fumicultura, e 2) análise de pesquisa documental e da história oral realizada através de entrevistas (15) com os agricultores mais antigos do município com o objetivo de analisar as práticas, valores e conhecimentos relativos à cultura do fumo. Os resultados dessa pesquisa foram construídos através da análise da paisagem e de relatos dos agricultores coletados nas atividades de campo do Grupo de Pesquisa em História Ambiental do Vale do Itajaí (GPHAVI) nas comunidades do entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí no município de Botuverá (SC).

Resultados e discussões

A fumicultura é a principal atividade agrícola do município de Botuverá e durante uma década representou, juntamente com a extração de madeira a totalidade da atividade econômica local. A paisagem da região começa a ser modificada intensamente com o início da colonização européia por volta da década de 1860. Nas primeiras décadas as unidades familiares mantinham-se através da agricultura de subsistência, criação de animais domésticos, caça, pesca e extração de madeira nativa. O excedente de produção da unidade familiar era comercializado através de um sistema de trocas.

As principais dificuldades encontradas pelos imigrantes foram as de sua adaptação às características geográficas da região de Botuverá. Os fundos de vale estreitos envoltos por encostas íngremes, a distância da sede da Colônia Itajaí-Brusque (30 quilômetros) dificultada pelas péssimas condições de transporte da época, e a falta de tecnologia para desenvolver o plantio em larga escala ou meios eficazes de transportar a produção, resultaram na predominância da agricultura de subsistência e a extração de madeira em pequenas quantidades. Nesse período o cultivo do fumo era realizado apenas para o consumo próprio. Na década de 1940 empresas de tabaco incentivaram os agricultores, de base familiar, o cultivo comercial do fumo em suas propriedades. Neste momento, o desenvolvimento da atividade exige maior uso dos recursos naturais da região que acentua a transformação da paisagem, bem como alavanca o quadro econômico e social do município. A inserção do cultivo do fumo foi realizada por extensionistas com apoio das empresas de tabaco, que orientavam e monitoravam desde o

Resumos do VI CBA e II CLAA

preparo do solo até o tempo de permanência do fumo nas estufas.

De acordo com relatos o cultivo era realizado em todas as tifas ou bairros: “Aqui em Botuverá cada um, cada família era uma estufa ou duas, quem não tinha três” (TOMAZIA, 2008), e os locais para as lavouras eram dos mais variados desde terrenos acidentados até várzeas próximas aos cursos de água. Para realizar o cultivo as famílias recebiam das empresas as mudas e os produtos químicos necessários, para a qual vendiam sua produção posteriormente, sendo os agricultores responsáveis pela construção das estufas e do corte de madeira para a lenha. O processo produtivo tinha características artesanais: o preparo do solo era iniciado com a coivara, seguindo o arado, a semeadura, a colheita, a separação do fumo e o abastecimento das estufas eram trabalhos essencialmente manuais (FACHINI, 2008). De acordo com os relatos, desde o início a atividade comercial da fumicultura provocou impactos na paisagem com a redução da mata para a expansão do cultivo e retirada de lenha para as estufas, bem como danos ao solo com técnicas inadequadas de manejo e facilitando a contaminação do solo e dos recursos hídricos. Nesse período de intensa produção também se intensificam os usos de agroquímicos e de recursos tecnológicos. Esse fenômeno é uma das conseqüências da Revolução Verde que compreende uma parte do processo de modernização da agricultura no Brasil.

Os avanços tecnológicos na fumicultura aparecem, nas memórias dos entrevistados, na forma de, por exemplo, bandejas e canteiros para semear, máquinas para amarrar o fumo e a ampliação da variedade de produtos químicos utilizados ao longo do processo, intensificando os impactos ambientais. Nas últimas décadas se modificaram as formas como são aplicados e os tipos de agroquímicos utilizados. Muitos dos agricultores entrevistados na comunidade olham para o passado e questionam-se a respeito do perigo que correram ao aplicar os produtos químicos enviados pela empresa na plantação de fumo sem qualquer tipo de proteção, e também do tipo de contaminação que o solo e água da região podem ter sofrido. Segundo Florit (2004), a utilização de agrotóxicos vem degradando os ecossistemas e construindo uma espécie de ciclo vicioso que amplia cada vez mais a utilização desses produtos. As estufas passam a contar com tecnologias que contribuem para o controle da temperatura, facilitando o processo de cultivo e melhorando a qualidade das safras (COMANDOLI, 2009). Paralelo a produção de fumo era realizada a agricultura de subsistência nas entre safras, por exemplo, o mesmo solo onde se cultivava o fumo era utilizado para o cultivo de milho ou aipim.

A extração de madeira tem um papel importante para o cultivo do fumo, pois é utilizada em grande quantidade no abastecimento das estufas para a secagem das folhas de fumo, como afirma Molinari Filho (2008), “para secar, a base de 50 mil pé de fumo, vai à base de 70 ou 80 metros de lenha”. As empresas de tabaco incentivavam o cultivo de eucalipto para o abastecimento das estufas, porém esse tipo de madeira não apresentava o mesmo retorno da madeira nativa, e conforme Molinari (2008) “se vai 20 (metros) de madeira de mato, vai 25 ou 30 de eucalipto”. O cultivo de eucalipto ganha espaço na paisagem somente nas últimas décadas como atividade complementar. Na década de 1990 as características da região passam por mais um processo de transformação. A partir desse período o fumo perde espaço no plano econômico local com a chegada de indústrias têxteis, do fortalecimento da mineração de calcário que atraem um maior interesse pela população economicamente ativa mais jovem e também do seu deslocamento para Brusque, área econômica mais dinâmica. Esses fatores levaram a mudança de hábitos tradicionais da comunidade, como a extração de madeira e a caça, ou seja, modificaram características culturais ligadas a elementos da natureza que são valorizadas pelos membros da comunidade. As políticas ambientais, aliada a ampliação e diversificação das indústrias a partir da década de 90, influenciaram na redução da atividade agrícola e no desflorestamento. A fumicultura como atividade mercantil permitiu aos agricultores a melhoria das condições econômicas e o acesso a diversos recursos tecnológicos tanto domésticos, quanto

agrícolas.

Porém, segundo Frey e Wittmann (2006), os principais problemas ambientais do setor da fumicultura estão ligados às conseqüências do modelo de desenvolvimento da região, como o uso intenso de agroquímicos, o manejo inapropriado de embalagens, a contaminação do solo e dos recursos hídricos e no desflorestamento e redução das matas nativas. As políticas ambientais se direcionam no sentido de gerir de forma sustentável esse modelo agrícola.

Conclusões

A introdução do cultivo comercial do fumo transforma mais intensamente a paisagem de Botuverá a partir da década de 1940 ao reduzir a cobertura vegetal nativa através da expansão da área de cultivo e da necessidade de lenha para o abastecimento das estufas; e a partir da década de 1960 a degradação do meio ambiente acentua-se com a tecnologia empregada pela revolução verde. Entretanto, os fumicultores apontaram melhoria das condições econômicas e sociais locais. Entretanto, particularmente a partir da década de 1990, o declínio da atividade e as políticas ambientais frearam o desflorestamento e as áreas de cultivo vêm diminuindo.

Ainda não existem estudos sistematizados sobre os impactos ambientais da fumicultura nessa região, mas podemos considerar que a principal conseqüência do cultivo de fumo em Botuverá expressa pelos fumicultores, foi: a perda de boa parte de sua cobertura vegetal original, ocasionando na diminuição de espécies animais e vegetais, característica do tipo de vegetação da região, ocasionando um desequilíbrio na manutenção do ecossistema local; e a contaminação do solo e dos recursos hídricos locais pelo intenso uso de agroquímicos nas plantações. Mesmo com o declínio das atividades agrícolas comerciais não foram identificadas experiências de perspectiva agroecológicas para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável na região, baseadas em pequenas unidades de produção.

Referências

- COMANDOLI, E. *Entrevista concedida ao projeto "História Ambiental das Comunidades de Ribeirão do Ouro, Lageado Alto e Lageado Baixo*. Botuverá, abr. 2009.
- FACHINI, M.R.; FACHINI, L.G. *Entrevista concedida ao projeto "História Ambiental das Comunidades do Salto de Águas Negras, Beira Rio e Lageado Central*. Botuverá, set. 2008.
- FLORIT, L. *A reinvenção social do natural*. Blumenau: Edifurb, 2004, 90 p.
- FREY, M.R.; WITTMANN, M.L. *Gestão ambiental e desenvolvimento regional: uma análise da indústria fumageira*. Santiago: EURE, 2006, v. 32, n. 96.
- MARTINS, M.L. *História e Meio Ambiente*. São Paulo: Faculdades Pedro Leopoldo: Annablume, 2007.
- MOLINARI, A. *Entrevista concedida ao projeto "História Ambiental das Comunidades de Ribeirão do Ouro, Lageado Alto e Lageado Baixo*. Botuverá, set. 2008.
- MOLINARI FILHO, J. *Entrevista concedida ao projeto "História Ambiental das Comunidades de Ribeirão do Ouro, Lageado Alto e Lageado Baixo*. Botuverá, set. 2008.
- SCHÄFFER, W.B.; PROCHNOW, M. *A Mata Atlântica e você: como preservar, recuperar e se beneficiar da mais ameaçada floresta brasileira*. Brasília: APREMAVI, 2002.

Resumos do VI CBA e II CLAA

TOMAZIA, J.L. *Entrevista concedida ao projeto "História Ambiental das Comunidades do Salto de Águas Negras, Beira Rio e Lajeado Central*. Botuverá, set. 2008.

WOSTER, D. Para fazer história ambiental. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.